

**SOBRE A CONDIÇÃO JUVENIL NA ESCOLA CONTEMPORÂNEA:
*CENÁRIOS DE UMA CRISE.***

**ABOUT JUVENILE CONDITION IN CONTEMPORARY SCHOOLS:
*SCENERIES OF A CRISIS.***

ADRIANO MACHADO OLIVEIRA

Universidade Federal do Tocantins

adriano.oliveira@mail.uft.edu.br

TOMAZETTI, ELISETE M.

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria

elisetem2@gmail.com

RESUMO O presente artigo versa sobre as atuais vicissitudes que têm afetado a condição juvenil contemporânea. Como foco, os autores se interrogam sobre diversos cenários sociais e educacionais, de forma a refletir sobre suas possíveis repercussões para a relação de adolescentes e jovens com a escolarização. Tomando-se como marco teórico perspectivas psicológicas, sociológicas e educacionais, são tecidas argumentações acerca de dificuldades e dilemas que se tem presentificado junto à escola para uma condição juvenil já distanciada de forma significativa de antigos comportamentos e estilos relacionais que a caracterizavam. Os autores concluem que a escola contemporânea tem sido instrumento de resistência dos professores a essas alterações culturais de nosso tempo, o que tem gerado tensões e conflitos nas salas de aula que abrigam a vida juvenil.

Palavras-chave: Juventude. Adolescência. Escola. Pós-moderno.

ABSTRACT This paper deals with the current misadventures that have affected the contemporary juvenile condition. As focus, the authors consider several social and educational sceneries, in order to reflect on their possible repercussion for adolescents and youngsters relation with schooling. Taking as theoretical reference educational, sociological and psychological perspectives, it was mentioned arguments over difficulties and dilemmas that have been noticed in school for a juvenile condition already, meaningfully, far from traditional behaviors and relational styles that characterized it. The authors conclude that contemporary school has been instrument of teachers' resistance

against the present cultural changes, which has lead to tensions and conflicts in juvenile classrooms.

Keywords: Youth. Adolescence. School. Post-modern.

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, tem-se tornado recorrentes as queixas dos professores quanto ao comportamento dos adolescentes em sala de aula. Conversas entre os colegas, muitas brincadeiras, paqueras, e troca de bilhetes têm feito parte de um cotidiano de desinteresse pelos conteúdos curriculares em muitas escolas brasileiras. Tudo isso tem se apresentado como problema para os docentes que desejam que suas turmas de alunos dediquem sua atenção apenas para os saberes que estão a ministrar. O resultado de tudo isso são mútuas acusações onde adolescentes, professores e direção da escola acabam por se distanciar, gerando um ambiente bastante tenso e improdutivo para as atividades escolares.

No presente artigo, os termos jovens e adolescentes são utilizados de forma intercambiável, na medida em que o primeiro se apresenta ligado a uma coordenada temporal sempre arbitrária e variável (Birman;2006;Groppo,2000), de acordo com a nação ou localidade, e o segundo, embora também uma construção cultural, aponta para uma fase de acontecimentos psíquicos que atravessam o período da juventude, sem ser a adolescência um sinônimo deste último (Obiols, 2006;Jerusalinsky,2004) . Na sala de aula, deste modo, convivem jovens que experimentam os processos psíquicos da adolescência e suas crises, assim como outros jovens que já não se encontram dentro deste período de transformações e conflituosidades psicológicas.

2 MUDANÇAS NAS CONFIGURAÇÕES FAMILIARES.

Ao longo do século vinte, a relação entre pais e filhos se alterou significativamente no mundo ocidental, principalmente no que diz respeito à imposição de normas rígidas de conduta na interação entre adultos e jovens.

Obiols (2002), em sua obra *Adultos en crisis, jóvenes a la deriva*, aponta para a passagem, a partir da década de sessenta do século XX, da predominância de adultos tradicionais nas configurações familiares para uma considerável vigência de adultos-adolescentes, responsáveis por educar os milhares de jovens que chegam às escolas. Àqueles pertencentes à primeira modalidade de adultez, estabeleciam normas claras para o comportamento dos filhos, existindo uma escala de restrições e concessões que variavam com a idade, analisa a psicanalista. Isto propiciava, por sua vez, uma nítida percepção por parte dos adolescentes de marcos que não poderiam transpor, o que não raras vezes provocava atitudes de rebeldia para com os genitores. Ou seja, os pais autoritários, através de pautas intransigentes, traziam consigo a demarcação de uma lei simbólica tecida com vigor e, desta forma, proporcionava aos jovens a possibilidade de, ao identificarem-na, oporem-se a ela. Este último aspecto pode ser considerado positivo nesses genitores, na medida em que ofertavam aos jovens, sem o saber, condições para que eles mesmos os criticassem e se opusessem a eles, demarcando de maneira nítida um conflito geracional saudável. Desse modo, grupos juvenis, a partir de uma identificação de idéias e experiências, podiam arregimentar forças para se contraporem aos padrões estabelecidos e sustentados pelos mais velhos. Entretanto, essas mesmas posturas rígidas acabavam por gerar um distanciamento na comunicação pais e filhos, ou seja, um formalismo relacional que dificultava muito o contato com os adolescentes.

Já os adultos-adolescentes, a seu turno, decorrentes de uma geração que optou por abandonar por completo todo e qualquer modelo educacional que se utilizasse de imposições e castigos, se, por um lado, não oferecem mais critérios normativos para seus filhos, no convívio social – ao optarem por não mais regular e monitorar os adolescentes como outrora – conseguem, por outro lado, estabelecerem relações mais horizontais com os mesmos, produzindo uma aproximação afetiva visivelmente maior, bem como uma comunicação mais aberta e irrestrita, quando comparados com aqueles pais tradicionais.

Tudo isso indica, pois, que a mudança no padrão relacional entre jovens e adultos, nas últimas décadas, para interações mais francas e desprovidas de

ameaças, faz com que os jovens resistam a modelos distintos de comunicação, principalmente aqueles nos quais predomina um distanciamento afetivo – justamente o que ainda se presencia em grande parte das instituições de ensino brasileiras.

3 A EXPERIÊNCIA DA SOLIDÃO NA ADOLESCÊNCIA CONTEMPORÂNEA.

Não foram somente os estilos parentais que se alteraram nas últimas décadas. Com a progressiva saída da mulher do ambiente privativo do lar para o trabalho na esfera pública, a partir da segunda metade do século vinte, a invenção dos anticoncepcionais e a crítica contumaz à sociedade patriarcal nos anos sessenta e setenta, a família moderna cede seu status de solidez e hierarquização tradicional dos papéis de seus membros para núcleos familiares menos coesos e estáveis assim como para uma reorganização e flexibilização nas formas de ser dos sujeitos. Para Birman (2006), a saída das mulheres da governabilidade familiar para a esfera pública alterou significativamente a economia afetiva das famílias, na medida em que o rol masculino pouco ou nada mudou a partir de então. Desse modo, a singularização dos projetos de vida femininos, agora independentes da vida familiar pela possibilidade de controle ou adiamento da natalidade – o que veio a redundar na possibilidade de entrada e permanência no mercado de trabalho –, provocou um aumento do número de horas vivenciado sem a convivência dos pais com os jovens. Em outras palavras, o crescente incremento nas últimas décadas da participação de mulheres no domínio público afetou substancialmente a experiência afetiva de seus filhos, na medida em que, como afirma o psicanalista, não houve um deslocamento do masculino de seu papel tradicional – ou seja, os homens prosseguiram sua participação na vida pública sem que houvesse um aumento de sua participação na vida privada, seja através de maior incidência afetiva, seja pelo número de horas junto aos filhos.

Tem-se, assim, no mundo contemporâneo, uma condição juvenil que experimenta em não raros momentos a solidão, entregues que ficam muitos adolescentes aos jogos eletrônicos, à internet, à televisão e mesmo a avós e

outros cuidadores, cujas presenças não conseguem substituir satisfatoriamente as figuras paterna e materna, no que se refere ao investimento afetivo.

Dia após dia, por conseguinte, meninos e meninas adentram as salas de aula de suas escolas trazendo suas novas demandas afetivas consigo. Os tempos e espaços escolares, seus rituais e formalidades, têm agora em seus entre-lugares a presença da busca da afetuosidade como nunca constatado em décadas anteriores. São jovens das mais variadas classes sociais que levam, juntamente com suas mochilas e cadernos, livros e canetas, a experiência da carência afetiva e da solidão marcadamente presente em seus registros emocionais. São sujeitos, assim, que buscam uma maior aproximação afetiva tanto através das sociabilidades possíveis que a escola oferece junto a seus pares bem como através dos próprios professores, quando estes oportunizam diálogos informais, nos quais o sujeito professor se apresenta como professor-amigo, ouvinte atencioso de narrativas pessoais e mesmo de dramas que não encontram outros espaços para buscar significação. Privados de um necessário apoio parental para o processo de construção de si na adolescência, assim, muitos alunos buscam na pessoa do docente uma figura amistosa, não capaz de lhes fornecer todas as respostas sobre a vida e suas intempéries, mas uma escuta atenciosa e que mostre sua feição singular sobre os fatos da vida – palavras que, minimamente, auxiliem a preencher o vazio deixado pelos genitores e para o qual necessitam dar sentido.

4 DESREGULAMENTAÇÃO PÓS-MODERNA E A VIGÊNCIA DA INCERTEZA.

Não são, contudo, somente as reconfigurações da ordem familiar a compor o quadro de elementos sócio-históricos que hoje incidem sobre a constituição subjetiva dos adolescentes, em suas demandas relacionais. O mundo ocidental assiste, desde o final do século XIX, a uma crise de legitimidade das antigas instâncias que sustentavam a identidade do sujeito moderno, de forma que as tentativas contemporâneas de ancorar as narrativas do eu em terrenos estáveis e seguros são de êxito duvidoso (Giddens, 2002;

Bauman, 1998). De um lado, a religião perdera sua capacidade de orientar comportamentos, cedendo seu lugar para o progressivo avanço das ciências humanas, como a psicologia, a pedagogia e as ciências sociais. De outro, a tradição, que até então encaixava o indivíduo a uma vida social já definida e regulamentada pelos antepassados, fundadores da moral e dos bons costumes, perde seu status para a sedimentação da reflexividade como atributo subjetivo dos sujeitos – em outras palavras, o eu antes ancorado pelas narrativas herdadas do passado passou a ser construído através de uma taxação contínua de informações do indivíduo sobre ele mesmo, como afirma Anthony Giddens (2002), desde a elaboração de hábitos sexuais e alimentares até a construção de estilos de vida e projetos de vida singulares. Desse modo, pois, olhar para o passado para guiar os passos do presente se tornou algo obsoleto e desnecessário para sujeitos agora amparados pelo saber científico e suas conclusões.

Na esteira desse processo, sem dúvida, a própria instituição escola se viu abalada em seus alicerces. Desprovida do consenso da tradição e da religião acerca dos fins educacionais, os professores passaram a dependerem do apoio dos discursos familiares e da sociedade mais ampla, para sustentarem suas práticas. Durante a primeira metade do século vinte, houve uma convergência entre esses diferentes discursos, de forma a dar aos docentes a segurança necessária para fazerem valer sua autoridade em sala de aula (Esteve, 1999).

Contudo, este mesmo século foi prodigioso em uma pulverização de discursos acadêmicos na área das ciências humanas, ora na crítica das instituições e suas formas de atuação sobre os sujeitos – Foucault, Deleuze, Guattari, Bourdieu –, ora na produção de teorias que desafiaram a legitimidade dos próprios ideais elaborados pela modernidade e questionaram os consensos de suas instituições – como em Freud, Lyotard, Debord, dentre outros. Paralelamente a essa fragmentação do discurso educacional, sob o impulso de múltiplas teorizações – quase sempre incapazes de coadunar seus pressupostos e gerar um consenso provisório –, o cenário social igualmente apresentou transformações não menos importantes e que afetam de forma

contundente a vida subjetiva de jovens e adolescentes de nossos dias. Falamos da progressiva desregulamentação da vida pública gerada pela sociedade de mercado e pela precarização das antigas redes de sustentação socialmente tecidas e outrora fortalecidas pelo Estado (Bauman, 2005; Freitas, 2005; Bianchetti, 1996).

A liberdade concedida ao capital, nos últimos quarenta anos, sob a forma de flexibilização dos vínculos trabalhistas e privatização de setores-chave das economias nacionais, como o de telecomunicações e finanças, bem como a efetivação de uma política neoliberal de promoção de um estado mínimo – leia-se: não mais responsável como outrora por proporcionar dignidade e segurança para seus cidadãos –, fez com que as paisagens existenciais de homens e mulheres antes confiantes na perenidade de seu bem-estar físico e moral, cedessem lugar para a incerteza como um cenário duradouro na vida dos sujeitos (Bauman, 2010, 1998). As três últimas décadas do século vinte, assim, assistiram a um desmantelamento dos dispositivos antes responsáveis por proporcionar o necessário sentimento de confiança no mundo externo – ou confiança básica, como preferiu denominar Erik Erikson (1987) –, como a regularidade da esfera econômica e suas indubitáveis repercussões na vida familiar, como a fragilização dos postos de trabalho; a decadência dos serviços previdenciários, nos quais em muitos casos a única via para um precário amparo vitalício se faz através de constantes humilhações a fim de provar-se a incapacidade para o labor ante perícias médicas; e, por último, a maleabilidade e instantaneidade dos valores sociais agora hierarquizados para fins de consumo, de forma que a duração dos discursos que sustentam a pertinência dos objetos a ele associados não obedece a nenhum critério coletivamente sancionado (Costa, 2005). Diante disso, a construção das identidades individuais não encontra mais terreno estável para sustentar suas narrativas, ao contrário, perdem-se os sujeitos em um emaranhado de discursos midiáticos, virtuais, etc., os quais solapam o que restava das antigas certezas fundadoras da modernidade enquanto tal: a ordem, o progresso e o bem-estar coletivo promovido pelo estado.

Como afirma Bauman (1998, p.36):

... a mensagem hoje carregada de grande poder de persuasão pelos mais ubiquamente eficazes meios de comunicação cultural (...) é uma mensagem de indeterminação e maleabilidade do mundo: neste mundo, tudo pode acontecer e tudo pode ser feito, mas nada pode ser feito uma vez por todas – e o que quer que aconteça chega sem se anunciar e vai-se embora sem aviso.

5 A SALA DE AULA DO PRESENTE.

Diante disso, em um contexto social de completa desregulamentação, onde o sentimento de segurança dá lugar ao de incerteza e imprevisibilidade frente ao futuro, o cenário contemporâneo favorece um desinvestimento no futuro e uma ênfase no presente. Viver o aqui e agora, por conseguinte, tornou-se opção mais segura para muitos sujeitos pós-modernos descrentes na possibilidade de reconquistarem as antigas redes de proteção, os alicerces perdidos de uma ordem moderna em franco colapso. A sala de aula, desse modo, uma criação-chave para as pretensões do projeto moderno, vê-se agora ameaçada, em seus muros antes sólidos, pela fluidez e instantaneidade dos artefatos pós-modernos. Signos publicitários invadem os lugares antes ocupados pela tradição e pela própria ciência, outorgando-se um status de inovação e progresso, preenchendo o imaginário juvenil de desejos que devem ser satisfeitos e de objetos que devem ser possuídos. Os eletroeletrônicos, os utilitários da informática e uma plêiade de outras novidades lançadas pela sociedade de mercado todos os dias instituem um novo modelo de pureza a ser alcançado – agora não mais através do ascetismo religioso – , mas pela via do consumo e assunção de identidades juvenis fabricadas pelo universo da moda e que dão lugar a outras, tão logo a busca de suas mercadorias tenha se tornado escassa e desinteressante (Bauman, 2009). Da mesma forma, a ênfase midiática na cultura do corpo têm uma incidência não menos visível, e que produz novas demandas subjetivas, agora pela busca de afastar-se de modelos indesejáveis de identidades corporais, ou bioidentidades como prefere Ortega (2006), e por isso mesmo causa de tensão e estranhamento quando os adolescentes percebem aproximarem-se mais destas do que dos modelos ideais que lhes foram outorgados.

Neste contexto, a sala de aula se apresenta, sem dúvida, como um espaço privilegiado de diagnóstico das transformações culturais de nosso tempo. Como sintoma de modificações nas antes cristalizadas concepções sobre a adolescência e a juventude modernas, apresentando-se no lócus da sala de aula comportamentos e formas de ser que deslocam especialistas de suas posições de peritos nas temáticas juvenis, para agora sensibilizá-los de forma reiterada e persistente para a constatação de que as teorizações em torno desses sujeitos já não podem predizer ou enquadrar suas condutas – ou seja, para o fato de que qualquer emolduramento da condição juvenil protagonizada nas escolas, com pretensões de longo prazo, correrá o risco de tornar-se obsoleta tão logo tenhamos incorporado essas produções como a verdade sobre jovens e adolescentes.

Neste sentido, somos impelidos no atual momento sócio-histórico em que nos encontramos a travar contato com a indeterminação e a incerteza quanto a esta fase da vida que, até poucas décadas atrás, parecia apresentar-se de forma estável e previsível (Groppo, 2000). Com isso, professores e demais agentes escolares em seus cotidianos são descentrados, deslocados e, com mais acerto, desestabilizados em seus antigos lugares de profissionais possuidores de um saber como atuar frente a esses sujeitos.

6 INSUFICIÊNCIA DAS DISCIPLINAS PEDAGÓGICAS DO ENSINO SUPERIOR.

Não bastasse isso, os atuais currículos de muitas licenciaturas brasileiras reforçam, ainda, essa tese, na medida em que insistem em oferecer aos acadêmicos disciplinas as quais se limitam a apresentar teorias que, ao se encontrarem descontextualizadas, pouco colaboram para a compreensão da subjetividade presente em nosso mundo contemporâneo – em particular, aquela protagonizada pelos adolescentes e suas repercussões para a prática docente.

Desse modo, novos e antigos professores, ao adentrarem suas salas de aula, deparam-se cotidianamente com alunos que se afastam

significativamente daqueles sujeitos descritos em seus livros e anotações: no lugar de comportamentos previsíveis e de fácil manejo pedagógico agora se constata a maleabilidade de condutas e uma multiplicidade de linguagens sob diferentes signos que inauguram formas de ser criativas e sobremaneira resistentes à busca de controle e disciplinamento, tão afeitos à escola moderna. Forjados na vigência de uma conjuntura pós-moderna, desregulamentada, a afetar a ordem econômica e familiar, esses alunos parecem já ter introjetado o espírito de sua época, na qual a busca do prazer – seja através da compra de objetos, seja através da intensificação do prazer sensorial –, toma o lugar dos projetos de longo prazo (Costa, 2004), ou seja, onde o entretenimento, as paqueras e as brincadeiras se apresentam mais sedutores e factíveis do que as promessas de um mundo adulto incerto em suas próprias crenças.

Isto significa, por sua vez, que o sofrimento psíquico manifestado por muitos docentes em pesquisas educacionais não está tão somente relacionado com a precarização salarial e estrutural, no caso das escolas públicas brasileiras. Embora estes dois fatores sejam relevantes, eles sozinhos não são suficientes para justificar o desinvestimento pela profissão professor que vem sendo diagnosticado nos últimos anos. Parece-nos, por conseguinte, que junto a esses fatores se encontra um terceiro, não menos importante, e que incidi de forma significativa sobre o mal-estar vivenciado pelos professores junto a suas clientelas juvenis. Trata-se, pois, da confrontação na sala de aula de duas ordens de significado radicalmente opostas: a discursividade moderna, da qual a maior parte dos docentes são herdeiros, e a discursividade pós-moderna, engendrada nas últimas décadas, *hábitat* dos adolescentes contemporâneos.

7 INDÍCIOS DE UMA NOVA CONDIÇÃO JUVENIL.

Como sustenta Bauman, os sujeitos nascem em um mundo pronto, em uma rede de discursos anterior a eles e na qual terão de erigir suas individualidades:

nenhum de nós pode construir o mundo das significações e dos sentidos a partir do nada: cada um ingressa num mundo pré-fabricado, em que certas coisas são importantes e outras não o são; em que as conveniências estabelecidas trazem certas coisas para a luz e deixam outras na sombra (1998, p.17).

Desse modo, as paisagens subjetivas são condicionadas sobremaneira às hierarquias valorativas de um dado momento cultural e de forma alguma são imunes a tais critérios de antemão sancionados. As identidades construídas hoje pelos adolescentes, junto a grupos de amigos, namoros e *rolos*, nesta perspectiva, são sintomas fidedignos do entorno social. Apresentam-se portadoras dos signos valorativos que lhes são apresentados diariamente e, desse modo, mostram-se como sintomas da dinâmica cultural de nossa época (Jerusalinsky, 2004). Assim, esses adolescentes rejeitam os modelos arbitrários e suas verdades cristalizadas pelo tempo, ao mesmo tempo em que buscam respostas para suas vidas nas narrativas inéditas de muitas tribos juvenis; apresentam-se abertos ao diálogo, à incerteza, à fugacidade dos relacionamentos, à experimentação, enquanto, por outro lado, igualmente desejam a perenidade dos vínculos que consideram como leais a suas propostas de vida (Almeida e Tracy, 2003). A possibilidade de reversão do estabelecido e de assunção do novo como valor se impõe, mesmo que este novo não demonstre suas promessas. Os adolescentes pós-modernos, dessa forma, vivem suas rotinas até segunda ordem, ou seja, convictos de que suas crenças podem modificar-se e seguros de que a abertura relacional se apresenta como um caminho não somente para o entretenimento e seus logros, mas para os saberes sobre a vida, agora não mais encaixados à religião e à tradição, mas passíveis de serem reinventados no momento presente, a cada interação e trocas afetivas nos quais as intuições, divagações, dúvidas e anseios se somam como saberes de experiência. Esses jovens legitimam, dessa forma, suas próprias construções de sentido como dignas de confiança para orientar seus passos no presente e muitos já não lançam mão de olhar para trás – leia-se: para a tradição –, para fazerem escolhas e construam suas trajetórias.

8 A ESCOLA COMO TRINCHEIRA

Não somente os adolescentes, como da mesma forma seus professores, encontram-se submetidos a uma discursividade social que relativiza antigos marcos valorativos da modernidade – como a religião, a ideologia, os critérios morais e os papéis estabelecidos para os gêneros – de forma que as dúvidas e as incertezas permeiam a construção de suas identidades e suas formas de ser no mundo. Neste ponto, a manutenção por parte dos docentes de práticas pedagógicas ainda atreladas aos signos da modernidade (Obiols, 2006), como se fosse uma missão da escola separar os puros dos impuros, o civilizados dos não-civilizados, os exitosos dos fracassados intelectualmente, demonstra ser um equívoco dos mais graves atualmente presenciados no cenário da educação brasileira. Como considera Bauman (1998, p.14), “ não há nenhum meio de pensar sobre a pureza sem ter uma imagem da 'ordem', sem atribuir às coisas seus lugares 'justos' e 'convenientes' (...).O oposto da 'pureza' – o sujo, o imundo, os 'agentes poluidores' – são coisas 'fora do lugar’”.

Ao trazermos as palavras de Bauman para dentro da sala de aula, facilmente podemos identificar os impuros, aqueles que devem ser repreendidos e cuja cidadania escolar lhes é negada, ou seja, sujeitos portadores de identidades as quais se fazem alvo de recriminações e onde a própria presença no território escolar é colocada em questão. São os indivíduos fora de lugar, como designa o sociólogo polonês, nomeados como distraídos, hiperativos, desinteressados, desrespeitosos, conversadores, bagunceiros, baderneiros, delinqüentes, drogados, sujeitos esses que não tem futuro e cujas presenças na escola lançam uma espessa e viscosa camada escura de sujeira sobre a pureza dos bons alunos – assim definidos por suas posturas de completa submissão e assujeitamento aos conteúdos ministrados pelo docente e pela capacidade de tolerarem a imposição do silêncio como fundamento pedagógico.

Tal contexto, por conseguinte, transforma muitas escolas de ensino médio brasileiras em verdadeiras ilhas de dissidência a cultura pós-moderna, já que apesar de vivenciarem as mesmas transformações culturais que seus alunos e suas inúmeras repercussões subjetivas, utilizam a escola como gueto

ou trincheira onde procuram disseminar a ilusão de ainda vivermos os tempos áureos da modernidade. Os sintomas resultantes dessa empreitada são múltiplos e concorrentes: ausência de sentido dos conteúdos escolares e conseqüente incremento dos fatores a mobilizar a evasão escolar; desinteresse manifesto pela prática pedagógica dos professores e seus objetivos; reinvenção do espaço da sala de aula para o lazer e as brincadeiras, tão somente; e ainda, uma resistência contundente a figura de muitos professores e noutros casos, a concretização da violência, como impossibilidade do recurso à palavra ou tentativa de simbolização da rejeição a singularidade do sujeito.

9 À GUIA DE CONCLUSÃO

As salas de aula contemporâneas, portanto – particularmente àquelas que abrigam a vida adolescente –, ainda estão organizadas em torno dos ideais que deram origem à escola moderna. Diante disto, encontram-se adolescentes e professores distanciados uns dos outros, em virtude de uma insistente negação do entorno social e cultural vivenciado pelos alunos jovens, por parte significativa da classe docente, a fazer do ambiente escolar um espaço de conflitos e tensões antes que um território de aprendizagens para a vida e de intercâmbios salutares – salvo a convivência entre os alunos e seus pares.

Os adolescentes contemporâneos, assim, encontram-se sujeitos a uma frente de batalha para a qual não se alistaram, ao receberem uma oposição sistemática de oponentes que, contudo, não se anunciam formalmente para os embates: ao contrário, respaldados pela posição instituída de educadores, reprovam condutas e deslegitimam formas de ser, desautorizam as linguagens e criações singulares ao mesmo tempo em que não oportunizam o debate acerca dos critérios estabelecidos para as vivências na escola. Como recurso, resta a esses sujeitos pós-modernos, de outro modo, a reinvenção de si através de dispositivos informais de participação social, como as tribos juvenis, com suas narrativas particulares, e a busca de comportamentos de risco como estilo de vida, ambos tentativas de dar sentido a vida, na medida em que esta

em si mesma se vê esvaziada de suas problematizações, diluídas em conteúdos curriculares desencaixados da dinâmica social em sua complexidade.

ADRIANO MACHADO OLIVEIRA

Professor Assistente da Universidade Federal do Tocantins - UFT, graduou-se em Psicologia (2005) pela Universidade Federal de Santa Maria e concluiu Mestrado em Educação (2008) pelo Programa de pós-graduação em Educação da UFSM. Atualmente, encontra-se em período de produção de tese de Doutorado (Educação/ UFSM) e dedica-se à docência na área de Psicologia da Educação junto à Unidade de Licenciaturas da Universidade Federal do Tocantins, Campus Araguaína. Coordena o Núcleo de Pesquisas e Estudos da Adolescência Contemporânea (Cnpq/UFT).

ELISETE M. TOMAZETTI

Possui graduação em Licenciatura Plena em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria (1985), mestrado em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria (1991) e doutorado em Educação pela Universidade de São Paulo (2000). Atualmente é professora Associada II da Universidade Federal de Santa Maria, pelo Departamento de Metodologia do Ensino. Atua no Curso de Filosofia/UFSM nas disciplinas de Didática da Filosofia, Pesquisa para o Ensino de Filosofia e Estágio Curricular Supervisionado. É professora do Programa de Pós-Graduação em Educação, na Linha de Pesquisa Práticas Escolares e Políticas Públicas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; TRACY, Kátia Maria de A. **Noites nômades: espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas.** – Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. **Capitalismo Parasitário e outros temas contemporâneos.** – Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor, 2010.

_____. **A Arte da Vida.** – Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor, 2009.

_____. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchio.** – Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor, 2005.

_____. **O Mal-Estar da Pós-Modernidade.** – Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor, 1998.

BIANCHETTI, Roberto G. **Modelo neoliberal e políticas educacionais.** – São Paulo, SP: Cortez, 1996.

BIRMAN, Joel. Tatuando Desamparo. In: Rezende Cardoso, M.. (Org.). **Adolescentes.** São Paulo: Escuta, p. 25-43, 2006.

COSTA, Jurandir Freire. Perspectivas da juventude na sociedade de mercado. In: NOVAES, Regina & VANUCCHI, Paulo. **Juventude e Sociedade – Trabalho, Educação, Cultura e Participação.** – Rio de Janeiro: Perseu Abramo, 2004.

_____. **O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo.** – Rio de Janeiro, RJ: Garamond, 2005.

ERIKSON, ERIK H. **Infância e Sociedade.** 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1987.

FREITAS, Luiz Carlos de. **Uma pós-modernidade de libertação: reconstruindo as esperanças.** – Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

GROPPO, Luís Antônio. Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. – Rio de Janeiro, RJ: Difel, 2000.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade.** Tradução de Plínio Dentzien. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

JERUSALINSKY, Alfredo Nestor. Adolescência e contemporaneidade. In: Conselho regional de Psicologia, 7ª Região. **Conversando sobre Adolescência e Contemporaneidade.** Porto Alegre: Libretos, 2004.

OBIOLS, Silvia Di Segni. **Adolescencia, posmodernidad y escuela: la crisis de la enseñanza media.** – Buenos Aires: Centro de Publicaciones Educativas y Material Didáctico, 2006.

_____. **Adultos en crisis, jóvenes a la deriva.** – Buenos Aires: Centro de Publicaciones Educativas y Material Didáctico, 2002.

ORTEGA, Francisco. Das utopias sociais às utopias corporais: identidades somáticas e marcas corporais. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes & EUGENIO, Fernanda. **Culturas Jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

ESTEVE, José Manuel. **O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores**. – Bauru/SP: Edusc, 1999.